

instituições de Educação Superior (IES)., desenho responsável, desenho “de transição” e complementar esforços, dentro do rol das IES e de sua responsabilidade social.

*The article discusses the important role of institutions of higher education (IHE) – i.e. universities and their research infrastructure – in the search for sustainable development in mega-events which, as in the case of Brazil, show great potential for improving host cities and creating an urban network between these. However, several serious social and financial problems have accompanied their realizations, despite the fact that the country goes through a moment of progress, also in the scientific field. By means of an integrated action by government agencies, society (politicians, community representatives, as well as companies), and the IHEs, it would be possible to establish a new level of governance over such undertakings, and the value of an international seminar such as NUTAU is a good example of the spirit of international exchange of experiences necessary for this to occur in a satisfactory manner.*

## **PADRÃO FIFA NÃO NOS REPRESENTA**

### ***THE FIFA STANDARDS DON'T REPRESENT US***

**SANDEVILLE JR., Euler**

Professor Livre Docente da FAU/USP e do Programa de Ciência Ambiental da USP, coordenador do Núcleo de Estudos da Paisagem do Labcidade (<http://espiral.fau.usp.br>)

[euler@usp.br](mailto:euler@usp.br)

Recentemente o Brasil vem sediando um conjunto de megaeventos esportivos. Sediou no Rio em 2007 os Jogos do Pan-Americano, em 2014 a Copa do Mundo, que nos legou a irônica expressão “padrão FIFA” (conquanto parecesse séria), e sediará em 2016 também no Rio os Jogos Olímpicos. Antes disso, havia sediado a Copa do Mundo de 1950 e os Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo.

Mas aqueles eram outros tempos, em todos os sentidos. A partir das décadas de 1980 e 1990 há uma crescente associação formal entre setor privado e setor público na decisão e produção do espaço urbano através das parcerias público-privadas. Não tiveram início nessa década, nem são um fenômeno brasileiro, mas o que ocorre a partir dessa fase é a disseminação de vultosos investimentos através de projetos e do chamado planejamento estratégico. Sobretudo na década de 1990 e no século atual ganha entre nós uma evidente atração, como o demonstram o Plano Diretor e

Operações Consorciadas em São Paulo e o projeto Nova Luz na mesma cidade. Entre outros. Inclusive os estádios desses jogos.

Esse processo também se observa na organização desses “megaeventos”, como passaram a ser denominados não à toa. Barcelona, em 1992, forneceu os primeiros paradigmas no caso dos esportes. Logo se disseminaram pelo que chamamos agora de BRICs, de modo que experimentamos assim nossas versões nos eventos de 2007, 2014 e 2016.

Em ambos os casos, das renovações urbanas e dos megaeventos, o ideário mobilizado está integrado à ideia de competitividade na atração de recursos, entenda-se, recursos econômicos. A competitividade por atração de recursos é assim uma diretriz central disseminada nos setores empresariais e públicos a eles atrelados, refletindo a percolação dessa diretriz por todas as instâncias sociais.

No fim, o que se faz é a transformação de todas as relações vitais em relações e oportunidades de mercado, com o correlato da certificação e justificação do trabalho pela produtividade. Muito embora, de fato nessas instâncias, ao contrário do que se impõe ao mundo do trabalho, isso se reduza ao campo da legitimação quantitativa, simbólica, à lógica do consumo. Se o que justifica o trabalho nesse contexto é a produtividade, o que justifica esses eventos é o consumo e a concentração de renda. Daí seus símbolos construídos no espaço, oscilando entre o público e o corporativo.

Esses megaeventos se caracterizam por vínculos de natureza internacional e grandes investimentos em infraestrutura para sua realização. A dimensão econômica ligada a essas realizações, entretanto, vai muito além. Estratégias comerciais se disseminam pelo cotidiano, como a publicidade estampada em latas de refrigerante e programas de televisão, e outras tantas, revelando uma complexa composição de grandes interesses nesses megaeventos. Reurbanização e cultura, e nesse caso esportes, a partir de imensos investimentos públicos e privados, deu o tom a partir daí como base e palco, senão cenário, para os mais diversos negócios.

O que presenciamos é a submissão do campo rico de valores humanos aos valores econômicos e políticos a eles atrelados. Quando falo em submissão, e disseminação, vale um exemplo adicional. A USP, que hoje (2014) enfrenta uma grave crise econômica, cria (na verdade, um projeto do Governo do Estado desenvolvido através da USP e parcerias com empresas) um polo de desenvolvimento tecnológico atrelado ao setor produtivo, para o qual visa a fazer repasses. Vem ainda associado a um conjunto de interesses imobiliários na região em que se insere, reconhecendo-os explicitamente, mas não entrando em um planejamento das transformações urbanas ou da dimensão social e educativa do projeto, que ficam assim a reboque, quando são mencionadas.

Não que a Universidade não deva contribuir com o setor produtivo empresarial, mas sua submissão a esse setor, a seus meios e valores, é um projeto educativo muito limitado e limitante das possibilidades e responsabilidades humanas. Entendo, aliás, que deve sim contribuir ao setor produtivo, mas não pode ser esse seu foco central, como vem se tentando fazer. E seja qual for o foco, deveria ser criativo, transformador dessas relações. O foco deve ser a educação em seu pleno sentido; e a responsabilidade social diante das urgências das desigualdades escandalosas que

habitamos deveria ser o foco e a contribuição primeira da Universidade. Daí vemos que contradição enfrentam os megaeventos, se deveriam olhar nessa direção da realização social e da abertura de espaços democráticos de uso pela população. Então talvez já não fossem mega, mas estão impedidos de olhar nessa direção pela sua natureza mesma, e o Estado torna-se o veículo que viabiliza sua realização longe dos anseios da chamada sociedade civil.

Um exemplo de quão disseminada está essa ideia da competitividade/atração (de recursos) como causa e razão, encontramos na “Síntese de Pontos de Gestão, Metas e Objetivos da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP”, da atual gestão (2014), que explicita como objetivo central de sua política: “Identificar oportunidades e áreas estratégicas de pesquisa onde a USP já é ou poderá se tornar ainda mais competitiva”. A partir desse postulado, que se repete no breve documento, a política da USP para o setor de pesquisa direciona-se para os grandes grupos de pesquisa ligados a atividades de ponta e tecnologia, sem que compareça em todo o documento uma visão social como o fator que devesse de fato direcionar a Universidade.

Trata-se, portanto, de uma condição de época, de um discurso que não está restrito a um único campo das práticas sociais. Nos atinge despreparados para qualificar, a partir de uma visão humanística, afetiva e autônoma, esse assédio do mercado a valores que o transcendem.

O vínculo entre os megaeventos e grandes investimentos públicos e privados, possíveis apenas a instituições como o Estado e a empresas que conglomerem grande concentração de recursos e decisão, não esgotam as críticas à sua realização. Sem dúvida explicitam suas faces mais problemáticas, ao subordinar questões urbanas e sociais à eficiência na ótica desses megaempreendimentos. No entanto, a par da gravidade e complexidade dessa realidade, há uma dimensão cultural igualmente complexa e menos discutida na concepção desses espetáculos de massa, de visualidade e consumo, que tampouco contribui para que tenham um outro papel social.

Dimensão importante e de implicações ideológicas e políticas inequívocas, em um país que por tanto tempo se representou e foi representado através da ideia de natureza, mestiçagem e esporte, muitas vezes de modo tão criativo, mas certamente também reduzido a um frágil produto turístico. Ou seja, uma cultura muito presa nas representações e celebrações estéticas e hábeis do corpo.

A instrumentalização desses jogos é assim uma marca que não nasce com eles. Os esportes, como espetáculo, camuflam ou limitam a dimensão mais lúdica do jogo e do movimento do corpo, transformado em espectador e consumidor. Mas o problema vai além da espetacularização. Numa das “notícias” veiculadas, não lembro agora onde, dizia-se que o futebol é o bem maior do nosso povo. Ora ora. Não seriam o bem maior do nosso povo as pessoas que, com seu trabalho e amor, constroem esse ser nosso povo, em condições tão adversas? Sobretudo aquelas pessoas que não perdem a dignidade, a integridade, a solidariedade, e ainda dispostas à afetiva celebração da festa. Esse é o bem maior, e que continua passando despercebido.

A associação dos megaeventos a quadros de corrupção, desrespeito a populações pobres removidas, obras caríssimas, ausência de investimentos nas áreas sociais

sobretudo de educação e cultura, as novas possibilidades de circulação da informação, trouxeram, de alguma forma, talvez breve, uma irrupção desse cotidiano contraditório em meio à festa. A abertura em 12 de junho de 2014 da Copa de Futebol, organizada pela FIFA no Brasil, foi precedida de intensas polêmicas sobre os gastos públicos e sua distância, tanto das necessidades sociais do país, quanto foram indutoras de políticas de exclusão social.

Essas manifestações vieram no esteio das intensas manifestações de 2013, que reuniram nas ruas mais de um milhão de pessoas, foram desencadeadas a partir de movimentos urbanos por todo o país pelo transporte público, educação e saúde públicas, contra a corrupção. Expressam um estado de insatisfação e consciência mais amplo dos brasileiros com os desmandos de suas estruturas institucionais e políticas e das contradições sociais sobre as quais se assentam.

A violência, cada vez mais cotidiana, como as cenas de decaptação recentes nas penitenciárias brasileiras e no Oriente Médio, perdem-se entre outras de violência em arenas de guerra, como o atual conflito Israel-Gaza, que a ONU estima ter matado nessa última versão 1460 civis em Gaza. Entre tantos outros exemplos, mostram que vivemos em tempos de guerra e barbárie, e um tom fortemente conservador perpassa tudo isso.

O esporte, os jogos, então oferecem, sob o manto de uma construção positiva, um verniz consumista. Essas contradições podem não ser formuladas por todos, mas são de alguma forma percebidas e introjetadas.

O lazer e a violência, que está também nas condições de vida e mobilidade pela cidade, tanto quanto o mundo do trabalho, reproduzem de modo inconsciente e inconsistente a violência em que vivem os grupos em conflito. Não são corajosos os *black bloc*, nem são corajosos os policiais paramentados para a batalha. Porque coragem seria dizer: isso não faço, disso não participo, e sobretudo, quero mudar tudo isso a partir do que sou, do que posso ser sendo solidário com outros. Isso seria coragem, isso requer coragem.

Bater é próprio do covarde, do acuado, do medroso, daquele que está inseguro do que é, do déspota. E se podemos compreender que alguém no estresse ou nessa confusão consigo perca o controle, não podemos aceitar isso como valor social, sobretudo quando ocupa o espaço público, um espaço de realização social. Em especial, quando investido de representar o Estado, se torna assim uma manifestação gratuita de força e poder descontrolado, jamais de autoridade. Pelo contrário, deprecia a noção de autoridade. Infelizmente é o que tem acontecido, silenciando o anseio por mudanças e impondo o discurso conservador.

Reconhecendo condições mais profundas em jogo para a construção do que pretendemos ser como nação, como humanidade, um conjunto de temas se impõe e se entrelaça na discussão dos megaeventos. Estes não são autônomos de um conjunto bem mais amplo de condições de realização social, de construção do espaço e das práticas contraditórias que nele desempenhamos.

O tema mescla interesses econômicos com a luta por direitos, tendo o espaço urbano como o local privilegiado de disputa, a par da mídia e dos ambientes virtuais. Mescla

discursos sobre inovação e modernidade com a ideia de legado e representação. Mescla as novas dimensões e quesitos de saberes e tecnologias para a produção dos objetos e do espaço, que muito de perto diz respeito ao arquiteto, com o reconhecimento de que a concentração de recursos nessas obras oculta e compromete questões de princípio e finalidade mais profundas.

Opõe a concentração de renda e o aparelhamento do Estado a suas finalidades sociais, à construção da democracia e processos participativos. Revela nessas obras imensas e quase uma arquitetura performática e certamente afeita ao gasto corporativo, a quantidade de soluções que vamos como sociedade deixando à espera. Coloca lado a lado e diante uma da outra, a alegria e o prazer, a liberdade de expressão, e o tom conservador e alienante pelo qual se vai construindo nosso espaço social. Ou seja, esperança e desesperança colocam-se diante das decisões que vamos tomando.

Um jogo que esconde outros, da Fifa à Presidência, ao governo do Estado e Prefeitura, e Partidos, um papel e desempenho triste, fechado entre as paredes de interesses que não são os nossos.

*Recently Brazil has been hosting a number of sport mega-events. It held in 2007 in Rio the Pan-American Games, in 2004 the World Cup that left us the legacy of "FIFA Standards" (inasmuch as it may seem serious) and will hold in 2016 the Olympic Games also in Rio. Before this, it had held the World Cup in 1950 and the Pan-American Games in Sao Paulo.*

*However, those were other times, in every sense of the word. Beginning in the 1980's and 1990's a growing formal association between the public and private sectors in the decisions and the production of urban space increased, by means of public-private partnerships. This process is also observed in the organization of these "mega-events", as they began to be called, not without a reason. Barcelona, in 1992, forwarded the first paradigms in the case of sports. Soon they spread to those countries we now call BRICs, in the way we have experienced our versions in the 2007, 2014 and 2016 events.*

*In both cases of urban renovations and mega-events, the mobilized ideology is integrated to the idea of competition for the attraction of resources, i.e. economic resources. This is, therefore, a central and disseminated in the business sector and the public sector, tied to the former, reflecting the perception of this guideline at all social levels.*

*Mega-events are characterized by ties of international nature and large investments in infra-structure for their realization. The economic dimension tied to such realizations, however, goes well beyond this. Commercial strategies are disseminated on a daily basis, such as advertising stamped on cool-drinks cans and television programs, and many others, revealing a complex composition of great interests in these mega-events.*

*The association of these to groups of national and international corruption, disrespect to the removed poor population, very expensive works, absence of investments in*

*social fields, especially education and culture, the new possibilities of circulation of information brought, somehow and in a perhaps brief way, an irruption into this contradictory daily reality, in the middle of the festivities.*

*The opening on June 12, 2014, of the World Cup, organized by FIFA in Brazil, was preceded by intense polemics regarding the public expenditures due to their distance, from the social needs of the country and because these served as incentives for policies of social exclusion. And such protests came in the wake of the intense manifestations in 2013, which reunited more than one million people and were triggered by urban movements throughout the country in favor of public transportation, education and public health and against corruption. These express a more open state of dissatisfaction and conscience with the mismanagement of its institutional and political institutions and with regards to the social contradictions upon which these are based. And place side by side and before each other the happiness and pleasure, freedom of speech, and the conservative and alienating tone by which our social space is being built.*

## **O LEGADO DOS MEGAEVENTOS**

### ***THE LEGACY OF MEGAEVENTS***

**SERRA, Geraldo Gomes**

Professor Titular, FAU/USP - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São paulo, Brasil, Coordenador de Projetos, NUTAU/USP.

O tema - legado dos megaeventos - me faz lembrar as festas do IV Centenário de São Paulo, em 1954, em vez de Copa do Mundo ou Olimpíadas. Sim, porque falamos de legado e portanto de algo que fica após o megaevento. É verdade que nunca estive no Itaquerão ou Arena Corinthians, embora tenha estado inúmeras vezes no Parque do Ibirapuera. Isso, evidentemente, não nega importância nem a qualidade, nem a importância do estádio, mas penso que como legado para São Paulo fica em outro patamar.

O Parque do Ibirapuera é muito mais importante como legado em primeiro lugar pelas suas dimensões – 158 hectares. Em segundo lugar, pela variedade dos locais, atividades e eventos que ali ocorrem. Visitei quase todas as bienais e continuo a visitar o Parque periodicamente, para ir ao Teatro, à Oca, ao MAM, ao MAC ou simplesmente para passear. Passo por ele, duas ou três vezes por semana. O obelisco é um marco urbanístico, no sentido que Kevyn Lynch dá ao termo.